

O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!

Emerson Sbardelotti Tavares

O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!

The Pact of the Catacombs and the church of the poor today

Emerson Sbardelotti Tavares
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

O texto apresenta a importância do “Pacto das Catacumbas: a Igreja Servidora e dos pobres”, que é um documento redigido e assinado por 40 padres conciliares – Bispos latino-americanos e brasileiros – do Concílio Ecumênico Vaticano II, no dia 16 de novembro de 1965, pouco antes da conclusão do Concílio. Foi firmado após a Eucaristia na Catacumba de Santa Domitila, fora dos muros de Roma. Os autores comprometeram-se a levar uma vida de pobreza, rejeitar todos os símbolos ou os privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Comprometeram-se também com a colegialidade e com a corresponsabilidade da Igreja como Povo de Deus, e com a abertura ao mundo e a acolhida fraterna, inspirados pela ideia da Igreja dos Pobres de São João XXIII e pelo espírito profético de Dom Helder Camara. Este pacto influenciou a nascente Teologia da Libertação, pois foi fruto de uma intensa participação com o olhar e o coração no mundo dos pobres e na colegialidade. Os pobres se sentiram sujeitos e agentes de sua própria história, constituindo inclusive um novo jeito de ser Igreja a partir das pequenas comunidades eclesiais de base onde a centralidade da Palavra de Deus germinava fé e vida, concretizando na prática as propostas da Igreja Povo de Deus e da colegialidade.

Palavras-chave: Pacto das Catacumbas; Igreja dos Pobres; Teologia da Libertação.

Abstract

The text discusses the importance of the “Pact of the Catacombs: A Poor Servant Church”, which is a document drafted and signed by 40 conciliar Fathers – Latin American and Brazilian bishops – at Vatican II on November 16, 1965, shortly before the Council was closed. It was signed after the Eucharist in the St. Domitila Catacomb outside the walls of Rome. The authors committed themselves to lead a life of poverty, to reject all symbols or privileges of power and to put the poor at the center of their pastoral ministry. They also took on a commitment to collegiality and to co-responsibility in the church as the people of God, as well as to the opening towards the world and fraternal welcome, inspired by the idea of a church of the poor of St. John XXIII and by the prophetic spirit of Dom Helder Camara. This pact influenced nascent liberation theology, as it was the fruit of an intense participation with the eyes and hearts turned to the world of the poor and to collegiality. It encouraged the growth of evangelical witness and coherence and took upon itself all consequences, particularly martyrdom. The poor saw themselves as subjects and agents of their own history and even established a new way of being the church based on the small base ecclesial communities where the centrality of God’s word gave birth to faith and life, implementing in practice the proposals of the church as the people of God and of collegiality.

Keywords: Pact of the Catacombs; Church of the poor; Liberation Theology.

O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!

Emerson Sbardelotti Tavares
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XII – Vol. 12 – Nº 103 – 2015

ISSN 1807-0590 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Arte da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 11, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Coullart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

O pacto das catacumbas e a igreja dos pobres hoje!¹

Emerson Sbardelotti Tavares

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

INTRODUÇÃO

Segundo José Oscar Beozzo², ao final da quarta sessão, um grupo de 40 bispos, em concelebração discreta na Catacumba de Santa Domitila, na manhã do dia 16 de novembro de 1965, selou um compromisso com a pobreza e o serviço aos pobres, firmando o chamado

Pacto das Catacumbas. Esse compromisso recolheu a assinatura de mais de 500 padres conciliares até o final do Concílio Ecumênico Vaticano II. No dia 16 de novembro de 2015, fará 50 anos que o Pacto das Catacumbas foi firmado, assinado e vivido. É preciso reler este Pacto e ver, perceber onde estão as Catacumbas do Século XXI! É preciso atualizar este Pacto e se comprometer uma vez mais com as causas dos Pobres nas causas do Reino.

A Igreja dos Pobres está aí, mais viva do que nunca, não mais tão falada como antigamente, pois foi duramente perseguida e difamada, mas continua presente em várias lideranças que não se cansam de lutar por um outro mundo novo e possível; por uma comunidade eclesial de base, onde todos se conheçam e celebram

1 Este artigo é a íntegra da apresentação proferida pelo Mestrando em Teologia Emerson Sbardelotti Tavares no dia 20 de maio de 2015, nas Sessões Temáticas do II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

2 BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.

a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, e querem seguir os passos do Mestre, dentro de sua pedagogia e prática libertadora, assumindo todos os riscos que a caminhada irá oferecer. Todos sabem muito bem que não há como fugir da cruz para obter a salvação. Não há luz, sem cruz!

A Igreja, quando é perseguida, é mais profética, mais cheia de vida!

Quando ela está acomodada, inerte, não cria problema nenhum para quem oprime e extermina!

O objetivo é fazer uma análise do Pacto das Catacumbas e da Igreja dos Pobres, apontando suas perspectivas e prospectivas, 50 anos depois, numa sociedade cada dia mais individualista, fundamentalista e globocolonizadora.

1 A Igreja dos pobres hoje!

São João XXIII diria no dia 11 de setembro de 1962, um mês antes da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965): “*Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos*

pobres”³. Esta frase influenciaria a Igreja profundamente nos anos que se seguiriam ao Concílio. Era o desejo de muitos que a Igreja redescobrisse aquele que deveria ser um dos traços mais visíveis de sua face: ser a Igreja dos pobres.

Cinquenta e um anos depois da abertura do Vaticano II, no dia 16 de março de 2013, o Papa Francisco⁴, ao ser escolhido como sucessor do Papa Bento XVI, deu uma entrevista coletiva aos jornalistas, na qual ele explicava com simplicidade o significado do nome escolhido e sua intenção de fundo:

Quando foi alcançado o número de votos que me faria papa, aproximou-se de mim o Cardeal brasileiro Claudio Hummes, me beijou e disse: ‘não te esqueças dos pobres’. Em seguida em relação aos pobres pensei em São Francisco de Assis. Durante o escrutínio, cujo resultado das votações se punha ‘perigoso’ para mim veio-me um nome no coração: Francisco de Assis. Francisco, o homem da pobreza, da paz, que ama e cuida da criação, um homem que transmite um sentido

3 JOÃO XXIII. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

4 BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma – Uma nova primavera na Igreja*. 2. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

de paz, um homem pobre. Ah! Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres.

Um novo *aggiornamento* ou como preferem os/as teólogos/as da libertação: uma nova primavera na Igreja!

A Igreja dos Pobres foi um assunto acolhido, mas repercutiu muito timidamente, pois o Vaticano II foi um Concílio das Igrejas do primeiro mundo, porém, o Grupo da Igreja dos Pobres, que atuava de maneira bastante discreta, sustentou firme a provocação profética de São João XXIII que se fez presente em todas as sessões conciliares.

A Igreja dos Pobres não é uma *nova* Igreja, mas sim um *novo modelo de Igreja*, que, portanto, é chamada também de *Igreja Popular, Igreja que nasce do Povo, Igreja no Povo ou Igreja de Base*. É o modelo de Igreja que busca uma relação de totalidade social através do envolvimento com grupos de oprimidos e de explorados, ao mesmo tempo que procura organizar internamente a Igreja segundo relações de serviço e fraternidade.

A Igreja dos Pobres, portanto, é fruto de longa reflexão durante o Vaticano II, capitaneada por bispos de várias partes do mundo, em sua maioria, bispos do

terceiro mundo, que estavam numa certa marginalidade institucional, pois não tinham cargos em Roma. Nasceu já na primeira sessão do Vaticano II e alcançaria no passar dos anos um total de 86 padres conciliares, apesar de nunca ter o *status* oficial no Concílio. O sonho não realizado era o de constituir um secretariado oficial ligado à pobreza. Porém, sua atuação nas margens da redação dos esquemas e textos conciliares foi muito significativa, pois se empenhou em colocar no coração de todo o processo conciliar as questões do apostolado dos pobres e da pobreza da Igreja. O tema da pobreza atraía e congregava sensibilidades diversas, que mesmo entre tensões se completavam, mantendo a coesão do grupo.

Dom Helder Camara era o maior expoente brasileiro deste grupo e o Concílio transformou-se em uma experiência espiritual decisiva na sua vida. Sua ação se dava nas atividades de articulação da CNBB e do CELAM, em grupos informais como o “Ecumênico”, o “*Opus Angeli*”, além do próprio “Igreja dos Pobres”. Ele descobriu que seu objetivo deveria ser o de ajudar a manter o Concílio na linha inspirada por Deus ao Papa João XXIII.

Segundo Ivanir Antonio Rampon⁵, Dom Helder Camara queria superar a era constantiniana, levando a Igreja aos “perdidos caminhos da pobreza”. Nos momentos de angústias e desilusões, animava a esperança de Padres Conciliares e foi um dos signatários do Pacto das Catacumbas. O Concílio, na concepção helderiana, não foi apenas um evento, mas um espírito, um programa de vida, uma concepção eclesial.

Vindos do Brasil e da América Latina e Caribe, os bispos denunciavam o subdesenvolvimento no qual estava mergulhado o continente latino-americano e caribenho, destroçado por ditaduras militares financiadas por capital estadunidense, que acentuavam os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres!

O Grupo Igreja dos Pobres atuou como um lugar de debate para tudo aquilo que a redação dos esquemas não conseguia absorver. Foi assim que nasceu o Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre: no dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes da clausura do Concílio Vaticano II, cerca de 40 Padres Conciliares celebraram uma Eucaristia nas catacumbas de Domitila,

em Roma, pedindo fidelidade ao Espírito de Jesus. Após essa celebração, firmaram o Pacto das Catacumbas. Nas Catacumbas de Roma para as Catacumbas da América Latina e Caribe eles assumiram a evangélica, útil e necessária Opção pelos Pobres.

A Opção pelos Pobres nunca foi uma moda passageira, nem é hoje em dia. Ela é a base da Teologia da Libertação, pois é a opção radical feita por Jesus de Nazaré. Jesus escolheu os pobres enquanto seguidores, colaboradores mais próximos, discípulos, amigos. Quanto mais se aprofunda na teologia do pobre, mais se aprofunda na Palavra de Deus, mais aparecem novos fundamentos e realidades que falam da veracidade da Opção pelos Pobres em seu triplo sentido: pastoral, teológico e bíblico. A Opção pelos Pobres é a essência de um cristianismo católico que pretende ser fiel ao Evangelho. Consiste na decisão voluntária de unir-se ao mundo dos pobres, assumindo com postura e estética evangélica, com realismo histórico, a causa da libertação integral. Ela deve ser realizada por todos aqueles que creem, independente da sua situação socioeconômica.

Quem são os pobres hoje?

⁵ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.

Mario de França Miranda⁶ irá pontuar que a existência histórica de Jesus de Nazaré, suas palavras e suas ações em favor dos mais desfavorecidos, sua distância com relação aos poderosos de seu tempo, revelam a *intenção de Deus* de realizar a salvação da humanidade na humanidade, na fraqueza, na pobreza e na privação de poder humano. Portanto, o fundamento último e decisivo da opção pelos pobres é estritamente teológico, porque baseado no modo de agir do próprio Deus.

Gustavo Gutiérrez⁷ não se cansa de lembrar que quando dizemos *pobre* assinalamos algo *coletivo*. O pobre isolado não existe. O pobre pertence a grupos sociais. E é o que torna tão dura e agressiva a irrupção do pobre. Se se tratasse de questões individuais, não haveria problema; porém, como se trata de classes, culturas, condição da mulher, da raça humana, isso traz tensões e conflitos.

Apesar dos avanços que governos latino-americanos e caribenhos conseguiram realizar nas últimas

décadas, esta categoria é mais abrangente, vai além dos dados estatísticos da economia, é uma realidade nova em que a tríade pobreza-fome-miséria deu lugar a novas classes com poder aquisitivo; portanto, as situações de exclusão, de violência e extermínio que estão presentes na sociedade hodierna são entendidas como efeito colateral e os marginalizados, os excluídos, os pobres seriam os próprios responsáveis por sua desgraça. São bilhões de pessoas que muitos setores da Igreja ignoram por completo: os miseráveis, sem roupa, sem saúde, sem escola; as vítimas das drogas ilícitas e lícitas (os dependentes – suas famílias – pessoas que perdem a vida dentro e fora do submundo do tráfico); as juventudes, violentadas e exterminadas; os sem teto e os sem terra; os moradores de rua; as mulheres, que todos os dias são vítimas da violência de seus familiares (esposos, filhos, parentes) e do machismo cada vez mais crescente levando ao feminicídio; os migrantes que fogem de seus países em busca de melhores oportunidades de vida; as pessoas que vivem sem água seja por causa da incompetência de governos corruptos, seja por causa de sua própria irresponsabilidade de não cuidar da natureza; a onda crescente de individualismo, fundamentalismo, fanatismo e racismo, dificultando o respeito, o

6 MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

7 GUTIÉRREZ, Gustavo. “A irrupção do pobre na América Latina e as comunidades cristãs populares”, em Sergio Torres, *A Igreja que surge da base*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

diálogo e o encontro entre os seres humanos, entre as igrejas, entre as religiões.

João Batista Libanio⁸ dirá que foi um sonho de São João XXIII que a Igreja saísse do Vaticano II bem próxima dos pobres, de modo que estes se sentissem em casa no seu seio. Deveria retomar a questão dos pobres a partir de duas maneiras: resistir e avançar. Resistir ao desgaste que a Opção pelos Pobres tem sofrido no interior da Igreja e na sociedade. Na Igreja procuram a qualquer custo, a qualquer preço anular o seu peso libertador. Na sociedade, a compreensão errada difundida, é que a Opção pelos Pobres se iguala a lutas de classe e que tem uma matriz marxista. Este tema tem sido recorrente em vários grupos de discussão na Internet e a rejeição ainda persiste. Na sociedade o tema soa como ideal socialista, portanto, pertencente ao passado, contrário ao discurso neoliberal que tomou conta de muitas paróquias e dioceses que desconhecem os pobres. Há um clima reacionário, neoliberal, fundamentalista, fanático e carismático, apesar do novo *aggiornamento* que o Papa Francisco aponta com seus gestos e práticas. Avan-

çar é conscientizar, organizar e pressionar para modificar a realidade interna na Igreja e na sociedade. A Igreja dos Pobres foi silenciada na Igreja pelo fato de se inspirar no Vaticano II.

José Comblin⁹ afirma que a Igreja dos Pobres não pode ser simplesmente uma parte da Igreja, mas ela interfere na totalidade da Igreja e de quem dela participa. Tudo na Igreja deve partir da centralidade dos pobres, que tem o seu lugar central, o seu fundamento, na teologia do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Pai tornou-se pobre ao conceder plena liberdade e autonomia à humanidade que criou sendo sua imagem e semelhança. O Filho se identifica com os pobres, pois foi um deles, optando por eles, despojou-se de todos os privilégios e entregou a própria vida para que o Projeto de Deus acontecesse. O Espírito Santo se dirige aos pobres, sooprando incentivo para que saiam em missão. O povo de Deus é povo de pobres, e o privilégio é que formam o povo de Deus: eles são chamados, convocados, convidados e o integram.

8 LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II – Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

9 COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

O Papa Francisco¹⁰ nos diz que deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade. O imperativo de ouvir o clamor dos pobres se faz carne em nós, quando intimamente nos comovemos e nos solidarizamos com o sofrimento do outro. No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres. Todo o nosso caminhar está sinalizado pelos pobres:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos chamados a possuir os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus.

A Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Como ensinava Bento XVI, esta opção está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres.

10 FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2013.

2 O pacto das catacumbas hoje!

O grupo Igreja dos Pobres, que se organizou já na primeira sessão do Concílio com alguns bispos da Europa, da África e da América Latina e Caribe, foi inspiração de Paul Gauthier que fora professor no seminário maior de Dijon na França e partira para Nazaré, onde levava vida de pobreza como operário na imitação de Jesus Carpinteiro. Ao final do Concílio, este grupo propôs o Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre.

O Pacto das Catacumbas¹¹ apareceu no Brasil graças a uma Carta Circular que Dom Helder Camara enviou para seus colaboradores na Arquidiocese de Olinda e Recife e na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e se espalhou depois pelo Brasil. As lideranças iam reproduzindo, num contexto de ditadura militar, o trabalho que era de formiguinha e silencioso. Um sonho de uma Igreja Servidora e Pobre ia se construindo em meio às perseguições, difamações, assassinatos...

Além de Dom Helder Camara, estiveram presentes e assinaram o Pacto: Dom Antônio Fragoso (Crateús-CE),

11 Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II – Volume V – Quarta Sessão*. Petrópolis: Vozes, 1966.

Dom Francisco Mesquita Filho Austregésilo (Afogados da Ingazeira-PE), Dom João Batista da Mota e Albuquerque (Vitória-ES), Pe. Luís Gonzaga Fernandes (logo ordenado bispo auxiliar de Vitória-ES, depois bispo de Campina Grande-PB), Dom Jorge Marcos de Oliveira (Santo André-SP), Dom Henrique Golland Trindade (Botucatu-SP), Dom José Maria Pires (Paraíba, PB).

O Pacto das Catacumbas orientou e influenciou muitas pessoas a se inserirem nas pastorais sociais e nos movimentos populares, pois não era apenas uma linha de pastoral, mas baseava-se numa mística e numa espiritualidade da pobreza evangélica que se inspirava no modelo original de Francisco de Assis.

O documento é um desafio aos “irmãos no Episcopado” a levarem uma “vida de pobreza”, uma Igreja “servidora e pobre”, como sugeriu São João XXIII. O texto teve forte influência sobre a Teologia da Libertação, que despontaria nos anos seguintes.

Por este documento de 13 itens, os autores comprometeram-se a levar uma vida de pobreza, rejeitar todos os símbolos ou os privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Comprometeram-se também com a colegialidade e com a corresponsabilidade da Igreja como Povo

de Deus, e com a abertura ao mundo e a acolhida fraterna:

Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:

1) Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de locomoção e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20.

2) Para sempre renunciemos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6. Nem ouro nem prata.

3) Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s.

4) Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material em nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cômnicos do seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At. 6,1-7.

5) Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre. Cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15.

6) No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (p. ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.

7) Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4.

8) Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27.

9) Cômnicos das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos transformar as obras de “beneficência” em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s.

10) Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8 e 9 inteiros; 1Tm 5, 16.

11) Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo comum das

massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral—dois terços da humanidade—comprometemo-nos a participar, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres; a requerer juntos ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o Papa Paulo VI na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.

12) Comprometemo-nos a partilhar, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim: esforçar-nos-emos para “revisar nossa vida” com eles; suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo; procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...; mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião. Cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tm 3,8-10.

13) Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a conhecer aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces.

AJUDE-NOS DEUS A SERMOS FIÉIS.

Maria Cecília Domezi¹² explica que a dinâmica do Grupo Igreja dos Pobres irá possibilitar uma continuidade na adesão, mesmo após o término do Vaticano II. De modo especial, esse Pacto inspirou as conferências episcopais latino-americanas e caribenhas em Medellín (que foi a aplicação e atualização do Concílio Vaticano II no Continente) e Puebla, que consagraram a Opção pelos Pobres. Porém, este Pacto, selado junto aos túmulos dos mártires da Igreja Cristã Primitiva, entrou para a história contemporânea pelas beiradas. Com discrição, longe da imprensa, num gesto de não oficialidade, da mesma forma havia sido a trajetória do Grupo nos quatro anos do Concílio. O despojamento e a discrição tinham como base o cuidado de evitar que este gesto pudesse ser interpretado como uma lição aos demais bispos. Em síntese, os compromissos assumidos no Pacto estão na conversão pessoal, na conversão na vida eclesial, na conversão na ação social e de dar a conhecer aos diocesanos esse Pacto.

12 DOMEZI, Maria Cecília. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.

Marcelo Barros¹³ afirma que, apesar de ser pensado em sua época e para o contexto daquela Igreja, o Pacto tem uma profunda atualidade. Ele contém uma dimensão da profecia que a Igreja é chamada a assumir: a profecia do evangelismo, do seguimento de Jesus no meio do povo e em uma fraternidade de simplicidade e pobreza evangélica. Outras dimensões da profecia (a crítica política, a dimensão ecumênica e macroecumênica da fé, etc.) não podem ser esquecidas. Mas, o fato de ser o Pacto das Catacumbas, liga a Igreja à sua vocação martirial. As catacumbas são a memória dos/as antigos/as mártires da fé. Temos hoje de refletir como viver essa profecia do martírio hoje, a partir da mística que o Pacto levanta, mas sabendo ir além dele como os bispos que o assinaram e esperariam.

Frei Betto¹⁴ diz que, quando os bispos se comprometeram com a Opção pelos Pobres, isso foi um alento a todos que lutavam para deselitizar a Igreja Católica e aproximá-la dos mais pobres através das Comunidades Eclesiais de Base e das pastorais sociais. Preparou-se as-

sim o terreno para a Conferência de Medellín, da qual saiu o mais contundente documento dos bispos do Continente em termos de conteúdo social e político respaldado pela doutrina católica. As conferências posteriores – Puebla, Santo Domingo, Aparecida – não foram tão proféticas quanto Medellín, mas também não anularam os avanços requeridos por ela. Os pontificados de João Paulo II e Bento XVI resfriaram o caráter profético da Igreja na América Latina, que aos poucos com Francisco vai ressurgindo das cinzas. Ele é atual porque exige dos bispos e da Igreja uma atitude de despojamento e identificação com Jesus de Nazaré. O papa Francisco dá testemunho nessa direção, mas ainda falta muito para que o conjunto da Igreja Católica abrace essa opção evangélica. Sem dúvida se a Igreja hoje assumisse o Pacto e o vivesse, reacenderia a esperança dos pobres em outros mundos possíveis, relegando ao passado o sistema capitalista neoliberal com suas opressões, injustiças e exclusões.

A novidade contida no Papa Francisco, reconhecida por teólogos, leigos e religiosos, está em pensar uma Igreja aberta para o povo, uma Igreja que opta pelos pobres, uma Igreja mais simples, despojada e comprometida com o diálogo, com o encontro e com o respeito.

13 SBARDELOTTI, Emerson. *Entrevistando Teólogos/as da Libertação*. São Paulo: Independente, 2015.

14 SBARDELOTTI, Emerson. *Entrevistando Teólogos/as da Libertação*. São Paulo: Independente, 2015.

São ares que renovam o oxigênio de uma entidade secular para que encare desafios da modernidade e pós-modernidade. Esta novidade faz com que o Pacto das Catacumbas que desde Puebla não figurou mais nas catedrais comece a ser novamente conhecido. O Papa Francisco tem se esforçado para que a Igreja seja de fato uma Igreja de comunhão. Ele, sem fazer muito alarde, põe em prática os ideais do Pacto das Catacumbas: não morando no apartamento papal, mas numa residência próxima; faz questão de almoçar com os funcionários do Vaticano; suas roupas não são suntuosas, mas sóbrias, seus sapatos pretos são bem surrados e sua veste começa a desfiar; usa uma cruz prateada ao invés de uma cruz dourada; prefere ser chamado de Bispo de Roma ao invés de Sua Santidade; antes de abençoar, pede para que as pessoas o abençoem e rezem por ele; ao ligar para as pessoas se apresenta simplesmente: “aqui quem fala é o Pe. Jorge”; em seu discurso de chegada no Brasil, em 2013, para a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, diz que não traz nem ouro nem prata; a seu dispor em Roma anda num veículo popular; não é uma pessoa vaidosa; vem trabalhando arduamente pela colegialidade dos bispos, para que sejam mais pastores do que príncipes.

O fato de a CNBB em sua última assembleia reafirmar sua posição contrária em relação à redução da maioria penal, a favor de uma reforma política ampla e irrestrita e, por isso, ser caluniada, difamada e perseguida por setores ultraconservadores que estão dentro dela própria, faz renascer, ou pelo menos começar a enxergar no fim do túnel a esperança em uma Igreja mais próxima de suas ovelhas que estão sendo violentadas e exterminadas.

Considerações finais

50 anos depois, a profecia sobrevive nesta sociedade atual?

50 anos do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre e o que se mudou no Brasil?

Perguntas que não querem calar, incomodam...

Agenor Brighenti¹⁵ afirma que há uma relação estreita entre a *Gaudium et Spes*, Pacto das Catacumbas e *Populorum Progressio*, que, conjugados na Conferência de Medellín, vão contribuir para a gênese da

¹⁵ SBARDELOTTI, Emerson. *Entrevistando Teólogos/as da Libertação*. São Paulo: Independente, 2015.

tradição libertadora da Igreja na América Latina e Caribe. Tanto que é na esteira de Medellín que vão surgir os frutos mais arrojados do Concílio Vaticano II e, em torno dele, do Pacto das Catacumbas e da *Populorum Progressio*, uma dádiva não só para o Continente, como uma contribuição à Igreja universal. Entre estes frutos, destacam-se: a opção preferencial pelos pobres, as comunidades eclesiais de base, a leitura popular da Bíblia, a teologia da libertação, a inserção da vida religiosa nos meios populares, a postura profética dos cristãos frente a uma situação de injustiça institucionalizada, a promoção de uma sociedade justa e solidária, com a conseqüente constelação de mártires das causas do evangelho social, dentre os quais Dom Oscar Romero, que será o primeiro deles a ser beatificado, depois de mais de 20 anos de o seu processo ter sido aberto e engavetado nos papados de João Paulo II e Bento XVI. Sem dúvida, um reconhecimento transcendente ainda que tardio, pois a Igreja na América Latina há muito espera que centenas e centenas de outros possam ter seu testemunho reconhecido e apresentado à Igreja e ao mundo, como modelo de santidade segundo a renovação do Vaticano II, do qual o Pacto das Catacumbas é uma de suas expressões mais

genuínas. Nestes últimos 50 anos, não foram poucas as vozes silenciadas e profetas colocados sob suspeita.

Dom Pedro Casaldáliga, Dom Tomás Balduino e Dom José Maria Pires¹⁶ enviaram uma mensagem de fraternidade e amizade aos seus irmãos bispos no Brasil onde diziam, entre outras coisas, que a ocasião, pois, é de assumir o Concílio Vaticano II atualizado, superar de uma vez por todas a tentação de Crístandade, viver dentro de uma Igreja plural e pobre, de opção pelos pobres, uma eclesiologia de participação, de libertação, de diaconia, de profecia, de martírio. Uma Igreja explicitamente ecumênica, de fé e política, de integração da Nossa América, reivindicando os plenos direitos da mulher, superando a respeito os fechamentos advindos de uma eclesiologia equivocada. Concluído o Concílio, alguns bispos celebraram o Pacto das Catacumbas de Santa Domitila.

Eles foram seguidos neste compromisso de radical e profunda conversão pessoal.

Foi assim que se inaugurou a recepção corajosa e profética do Concílio. Hoje, várias pessoas, em diversas

¹⁶ CASALDÁLICA, Pedro. BALDUÍNO, Tomás. PIRES, José Maria. *Carta aos Bispos do Brasil*. São Félix do Araguaia: Independente, 15 ago. 2013.

partes do mundo, estão pensando em um novo Pacto das Catacumbas. Para as nossas Igrejas da América Latina, voltar ao primeiro amor é retomar a mística do Reino de Deus na caminhada junto com os pobres e a serviço de sua libertação.

Seja essa a nossa mística e nosso mais profundo amor: uma Igreja servidora e pobre como desejou São João XXIII, como testemunha o papa Francisco.

O projeto do Grupo Igreja dos Pobres não conseguiu se colocar em prática durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, por isso foi perdedor na sua proposta, mas foi vencedor na Conferência de Medellín, que foi a prática do Concílio em terras latino-americanas e caribenhas.

Francisco de Aquino Junior explica que a Igreja de Jesus Cristo é a Igreja dos Pobres; que o ser dos pobres é um traço, uma nota, uma característica, uma dimensão essencial e fundamental da Igreja, sem a qual ela deixa de ser Igreja de Jesus Cristo. Eis, portanto, uma questão dogmática, uma verdade de fé, verdade essa a ser verificada na História: feita, realizada, encarnada. Há uma necessidade de fundo: é preciso ver como essa verdade se encarna e se torna realidade em uma situação bem real e concreta, considerando para cada época específica quem são os pobres reais, quem são as pesso-

as que assumem no hoje de suas vivências o Pacto das Catacumbas, como encaram essa situação de pobreza e quais são as reais possibilidades de enfrentamento e superação dessa situação.

Dois aspectos para responder à pergunta: O Pacto das Catacumbas e a Igreja dos Pobres são utopias ou realidades? Primeiro aspecto: conhecer o caráter histórico. Sem conhecer todo o processo histórico, que é circular, estaremos fadados a ver ambos como peça de museu que deve ser vista, mas não tocada, não sentida. Segundo aspecto: conhecer o caráter teológico-dogmático. Seria situar no ontem e no hoje as razões teológicas. Existiram razões para se assinar e viver o Pacto e fazer uma Igreja dos Pobres, enfrentando grandes tempestades e um rigoroso inverno. Sem este situar perderíamos a relevância da vida.

O Pacto das Catacumbas e toda a caminhada da Igreja dos Pobres mostra que na América Latina e Caribe se saiu da utopia para a práxis no comprometimento com os marginalizados, com os violentados, com os assassinados, com os desaparecidos, evidenciando a revolução eclesial a partir de uma opção radical e evangélica por todos os seres humanos, levando em frente as aspirações e inspirações do Vaticano II. Foi um longo,

trabalhoso e apaixonado caminho experimentado pelo Grupo Igreja dos Pobres ao saírem das catacumbas em direção às ovelhas do Reino.

Não foi e não é um caminho fácil. Há muitas ideias de riqueza, competição, individualismo e ostentação, no meio dos pobres, incentivadas muitas vezes por outros leigos, padres e bispos, por meio das mídias presentes em nossa sociedade hoje.

Onde há ostentação demais, há Evangelho de menos!

E se pergunta:

Como vive hoje a Igreja dos Pobres no contexto do pontificado de Francisco¹⁷?

Ele mesmo responde:

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, de-

vem irradiar misericórdia. A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia. A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. A sua vida é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio.

Após 50 anos, há urgência de atualização do Pacto das Catacumbas ou o seu cumprimento?

Há, sim! A grande tentação dos grupos ultraconservadores da Igreja foi a de querer arquivar o Concílio Ecumênico Vaticano II e tudo o que de bom ele produziu e ainda está produzindo e deixá-lo no armário da História. Não conseguiram. Ainda hoje insistem em ideias e doutrinas não mais adaptáveis ao tempo hodierno, e armam um grande espetáculo para desconstruir o legado herdado do Vaticano II. O Papa Francisco tem diante de si, depois de anos de tradicionalismo encorajado pelo Vaticano, a tarefa de apresentar uma Igreja consciente daquilo que, na tradição, pode ser mudado, uma Igreja

17 FRANCISCO. *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia – Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015.

preocupada mais com o carisma do que com o poder, uma Igreja mais preocupada com a misericórdia do que com a condenação. Na década futura, esse será o debate, em uma Igreja muito mais global e plural, em que a lista das questões a serem examinadas – sexualidade e homossexualidade, mulher, o matrimônio e família, justiça social e ambiente – devem ser debatidas a partir das consultas a todo o Povo Santo de Deus, reunido em CEBs, Pastorais Sociais, Movimentos, Paróquias e Dioceses em suas específicas realidades.

Lembrando sempre daquela frase dita e vivida pela geração profética de bispos em Medellín: “*optamos pelos pobres não porque eles sejam bons, mas porque são vítimas*”.

Ajude-nos Deus a sermos fiéis!

Referências

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma – Uma nova primavera na Igreja*. 2.ed.rev.amp. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

CASALDÁLICA, Pedro. BALDUÍNO, Tomás. PIRES, José Maria. *Carta aos Bispos do Brasil*. São Félix do Araguaia: Independente, 15 ago. 2013.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

DOMEZI, Maria Cecilia. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2013.

_____. *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia – Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015.

GUTIÉRREZ, Gustavo. “A irrupção do pobre na América Latina e as comunidades cristãs populares”. In Sergio Torres, *A Igreja que surge da base*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

JOÃO XXIII. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II – Volume V – Quarta Sessão*. Petrópolis: Vozes, 1966.

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II – Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Câmara*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SBARDELOTTI, Emerson. *Entrevistando Teólogos/as da Libertação*. São Paulo: Independente: 2015.

Publicações do Instituto Humanitas Unisinos



Nº 47 – Alimento e nutrição

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista *IHU On-Line* e nos **Cadernos IHU ideias**. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 102 – A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

A publicação dos **Cadernos Teologia Pública**, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os **Cadernos Teologia Pública** se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 51 O ambientalismo em três escalas de análise – Fabiano Quadros Rückert

Os **Cadernos IHU** divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas sobre ética, sociedade sustentável, trabalho, gênero e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Nº 231 – *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho



Os **Cadernos IHU ideias** apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade de cristãos* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudou, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight
- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho

- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém* – Aspectos epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vítor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja* – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira



Emerson Sbardelotti Tavares é mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP com Bolsa Integral da CAPES. Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória – ES (2012). Licenciatura em História pelo Centro Universitário São Camilo – Vitória/ES (2010). Bacharelado em Turismo pela Faculdade de Turismo de Guarapari – ES (1996). Tem experiência na área de Espiritualidade e Mística, Juventude e Liturgia. Leciona História Antiga e Medieval, História das Américas, Marketing Turístico, Organização de Eventos, Fundamentos do Turismo, Introdução à Teologia, Antropologia Teológica, Cristologia, Espiritualidade Litúrgica, História do Concílio Vaticano II.

Algumas obras do autor

TAVARES, Emerson Sbardelotti. *Espiritualidade da Libertação Juvenil*. São Leopoldo: CEBI, 2015.

_____. Juventude em Missão: Profecia e Espiritualidade. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 9, p. 27-48, 2015.

_____. O Deus dos Pobres. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 8, p. 171-196, 2014.

_____. Ecoteologia: do grito dos Pobres ao grito da Terra na perspectiva da Teologia da Libertação em Leonardo Boff. *Redes (Vitória)*, v. 18, p. 164-182, 2012.

_____. *La teología de la liberación en prospectiva*. Montevideo: Ameríndia, 2012.

_____. *Utopia Poética*. 1. ed. São Leopoldo: CEBI, 2007.

